

Notas

Um coração para o combate,
um coração para a paz.

O primeiro ano de publicação d'*O Mensageiro do Coração de Jesus*, em Portugal
(Abril de 1874-Março de 1875)¹

Em Abril de 1874 saía, em Portugal, na cidade do Porto, o primeiro número d'*O Mensageiro do Coração de Jesus*, boletim mensal do Apostolado da Oração e da Liga do Coração de Jesus.

Era, então, mais um produto que nos chegava de França, a nós que éramos por essa data, no dizer de Eça, um “país traduzido do francês em calão”, ou, nas palavras de Oliveira Martins, nas *Explicações* que escreveu à segunda edição do seu *Portugal Contemporâneo*, em Novembro de 1883, um país em “que apenas se escrev[ia], por arte ou por indústria, numa linguagem mascavada, o que v[inha] cozinhado e requentado de Paris”². De resto, essa dependência da cultura francesa haveria de ser apontada pela *Geração de 70* como uma das razões da nossa perda do carácter nacional e, logo, como uma das causas da nossa decadência. Ramalho Ortigão, como se sabe, na fase final da sua vida, não deixará de manifestar o seu anti-francesismo, atitude propagada e desenvolvida a par de uma crítica à decadência francesa que era, ao mesmo tempo, uma crítica e um cansaço de

¹ No âmbito da Cadeira de Cultura Portuguesa II, leccionada pelo Dr. Pedro Tavares, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no ano lectivo de 97/98, surgiu a ideia e a intenção de realizarmos um trabalho sobre os 6 volumes da 1ª série d'*O Mensageiro do Coração de Jesus*. Com as actividades académicas sobrecarregadas pelo avolumar de actividades extracurriculares, não nos foi possível realizar tal estudo no decorrer do ano lectivo. Solicitados, agora, para apresentarmos os primeiros resultados da nossa investigação, decidimos alinhar, nestas páginas, o que constatámos e reflectimos durante a leitura do volume que inaugurou a publicação d'*O Mensageiro* em Portugal.

² Oliveira MARTINS, *Portugal Contemporâneo*, Sintra, Europa América, [1996], vol. 1, 69.

civilização, uma descrença no progresso, um desalento que suscitaria o louvor da vida rústica e a procura da vida campestre, de que o exemplo mais notável é Jacinto, o protagonista d'*A Cidade e as Serras*, também ele vindo *requentado* de Paris com a sua "ignorância trapalhona das coisas de Portugal"³, para iniciar aquilo a que o seu amigo Zé Fernandes chamará *a história de uma ressurreição*.

O *Mensageiro* tinha nascido em França, pela mão do padre jesuíta Henry Ramière (1821-1884)⁴, no mês de Julho de 1861, depois deste ter tomado em suas mãos o Apostolado da Oração, a obra que o P. Xavier Gautrelet iniciou em 1844, fruto de uma proposta feita aos jovens de Vals, em conferência proferida a 3 de Dezembro, por ocasião da festa de S. Francisco Xavier. No seu discurso, o P. Gautrelet exortou os jovens ao apostolado, um apostolado urgente, a fazer pela entrega de toda a vida quotidiana, oração e obras, a Cristo, unindo-se assim ao Jesus orante e constantemente imolado, até que o reino de Deus se cumpra. Unidos a Cristo, a oração deixaria de ser isolada, para ser uma oração comum, brotando em todos os corações unidos ao Coração de Jesus.⁵

Este *Mensageiro* que nos chegava de França, como norma daquele que se editaria no nosso país — é o que nos diz a *Advertência* aposta ao primeiro fascículo: "Mandamos vir os *Mensageiros* de França e de Hespanha, [...] tomando o primeiro por norma"⁶ — não vinha, no entanto, como sinal e agravo dessa decadência que a *Geração de 70* tanto deplorava. Muito pelo contrário. O *Mensageiro* vinha, no meio do fracasso das regenerações propostas, lembrar a verdadeira regeneração, e à liberdade proclamada e almejada pelos movimentos liberais contrapunha a liberdade não ilusória, a única liberdade libertadora. Ao invés desses jornais e

³ Eça de QUEIROZ, *A Cidade e as Serras*. Lisboa, Livros do Brasil, [s.d.], 116.

⁴ Sobre a vida do P. Ramière, Cf. Pierre VALLIN, *Ramière*. In *DSP Paris, Beauchesne*, 1988, vol. 13, 63-70; Cf. Émile RÉGNAULT, *Notice biographique sur le P. Henry Ramière de la Compagnie de Jésus*. In Henry RAMIÈRE, *L'Apostolat de la Prière, Ligue du Coeur de Jésus*. 7^a edição. Toulouse, Directeur du Messager du Coeur de Jésus, [s.d.], XI-LI. (O P. Émile Régnauld ficou como responsável pelo secretariado d'*O Mensageiro*, aberto em Toulouse no ano de 1866. Foi, mais tarde, o director da publicação.)

Para esta primeira série do *Mensageiro*, é impossível tentar compreender a sua mensagem, os seus princípios e fins, sem compreender a vida e o pensamento do P. Ramière. Porque este trabalho é apenas uma notícia sobre as nossas investigações, não nos determos neste ponto tanto quanto deveríamos, mas deixamos, ao longo da exposição, os dados mais significativos e as chaves de leitura fundamentais.

⁵ Ch. PARRA, *Le Père Ramière et L'Apostolat de la Prière. Conférence au Scolasticat de Vals, à l'occasion du Centenaire de la Fondation de la Maison*, 9 juin 1928. In Henry RAMIÈRE, *L'Apostolat de la Prière en union avec le Coeur de Jésus*. 9^a edição. Toulouse, Apostolat de la Prière, 1929, VI.

⁶ *MENSAGEIRO (O) do Coração de Jesus*. Porto, 1 (1874) 5.

papelada, “podridão da ligeira Civilização”⁷, recheados do sensualismo parisiense, de que Zé Fernandes se sortira na estação de Orléans e que atrai para um montão de lixo, a um canto do pátio, na quieta estação de Tormes, o *Mensageiro* vinha destinado, não ao lixo, mas a ser alimento, sangue a unir o coração dos homens ao coração de Cristo e, através dele, os homens e os fiéis entre si. Essa união preparava a vinda do Reino, que é reino de amor, e que haveria de ter uma forma triunfante e visível na terra, à volta do Coração de Jesus, centro agregador de um exército, o estandarte sob o qual havia que reunir uma milícia, acordar uma militância.

Ao fornecer o “supremo remédio”⁸ (a devoção ao Coração de Jesus) a uma sociedade à beira da “grande catastrophe”⁹, ao servir de ponte (levadiça) para a “arca de salvação”¹⁰ (o Coração de Cristo), o *Mensageiro* aparecia, parafraseando palavras de Émile Régnauld, para ser um instrumento e uma arma¹¹. Uma arma para o combate, um instrumento para a paz.

Dito por outras palavras, o *Mensageiro* chegava em combate pela paz, um combate benigno e benéfico, porque o seu objectivo era acordar os homens e os cristãos para o “dogma capital”¹² — assim lhe chama Ramière — da fé cristã, a divinização da natureza humana: “[...] en vertu de l’Incarnation du Fils de DIEU, tous les hommes sont appelés à vivre d’une vie vraiment divine, dont l’Homme- DIEU est le principe, et qui après les avoir sanctifiés sur la terre, les fera jouir au ciel du bonheur de DIEU.”¹³ Esta matéria, fundamental no pensamento cristológico de Henry Ramière, explicação primeira desse coração para o combate e para a paz, desenvolvemo-la, um pouco mais detalhadamente, no começo do ponto 1.

A paz que resultaria do combate, para o padre Ramière, no seu *crístocentrismo optimista*, segundo designação de Pierre Vallin¹⁴, e no seu *milenarismo crístocêntrico*, era, sobretudo, a concretização da esperança que aguardava “fermement le triomphe de la vérité sur la terre”¹⁵, o completo triunfo da Igreja neste mundo, com a implantação, em sua forma terrestre,

⁷ Eça de QUEIROZ, *A cidade e as Serras*, 246. “[O sensualismo] a grande enfermidade da presente geração”, *Mensageiro*, 356.

⁸ Eça de QUEIROZ, *A cidade e as Serras*, 365.

⁹ Eça de QUEIROZ, *A cidade e as Serras*, 365.

¹⁰ Eça de QUEIROZ, *A cidade e as Serras*, 140.

¹¹ RÉGNAULT, *Notice*, XXXII.

¹² Henry RAMIÈRE, *Le Coeur de Jésus et la divinisation du chrétien*. Toulouse, Directeur du *Messenger du Coeur de Jésus*, 1891, 10.

¹³ Henry RAMIÈRE, *Le Coeur de Jésus...*, 10.

¹⁴ VALLIN, *Ramière*, 69.

¹⁵ Henry RAMIÈRE, *Les Espérances de L’Église*. Paris, Bruxelles, Librairie Catholique de Périsse Frères, [s.d.], XXII.

do reino de Deus sob a chefia de Cristo. Confiado nas Leis da Providência, na fidelidade de Deus por mil gerações, ou de geração em geração, que a História da Salvação confirma e celebra, confiado nas palavras do Papa Pio IX que, na definição do dogma da Imaculada Conceição manifestou a esperança de que com Maria a Igreja, livrando-se vitoriosa das dificuldades e erros, haveria de florir no universo inteiro, reconduzindo ao caminho da verdade todas as almas desgarradas, a fim de que se formasse um só rebanho sob um só pastor¹⁶, confiado, enfim, na devoção ao Coração de Jesus, o padre jesuíta leu as dificuldades, as agonias, as perseguições e sofrimentos da Igreja do seu tempo como a hora em que, prossequindo e cumprindo a sua condição de Esposa, configurada e conformada com Cristo, a Igreja sofria com Ele a agonia do horto, e repetia os passos da Cruz. A Igreja vivia, pois, a hora da Paixão. Mas se assim percorria o caminho do Calvário, era certo, então, que, antes da Ascensão ao Céu, onde toda a Igreja gozará da glória, antes dessa entrada definitiva e triunfante no reino celeste, a Igreja conheceria ainda e necessariamente, como Cristo morto na Cruz, a manhã da ressurreição — e esta hora da ressurreição seria a hora do triunfo do reino de Deus na terra que, à semelhança do reino celeste, seria um reino de amor, gerado e governado no e pelo Coração de Jesus.

Para além disso, ou por causa disso, porque consequência natural desta participação nos mistérios da Paixão, Ramière profetizava que o triunfo da Igreja só chegaria com a vitória completa da irreligião, da impiedade, dos inimigos do cristianismo. Ela seria tão necessária como a morte o é à ressurreição:

“A opposição é por tanto absoluta e não se tracta senão de saber de quem será a victoria. A liga anti-christã parece agora triumphar em todos os lugares. Mas, já o temos dito por mais d’uma vez, é a propria universalidade do seu triumpho que nos deve fazer esperar a sua proxima queda. A torre de Babel não esteve nunca mais perto de cahir do que quando ella se erguia mais alto contra o ceo.”¹⁷

De resto, uma das Leis da Providência por ele referidas é a de que o mal, tal como o bem, só pode estar ao serviço da glória de Deus¹⁸. É tal

¹⁶ RAMIÈRE, *Les Espérances*, XI-XXVII. Ramière alerta para o facto de não confundir a esperança papal com a infalibilidade de uma definição dogmática (ele que foi um dos grandes responsáveis pela definição da infalibilidade pontificia), ainda que tal esperança tenha sido manifestada durante a proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Todavia, lembra que, uma vez que é assistido pelo Espírito, as palavras do Papa devem ser acolhidas com profundo respeito. (RAMIÈRE, *Les Espérances*, XXVI.)

¹⁷ *Mensageiro*, 72.

¹⁸ RAMIÈRE, *Les Espérances*, 57-69.

como na morte de Cristo e em seu rosto desfigurado Deus, de modo perfeito e inaudito, revela aquilo que é — Amor —, e o centurião confessa, diante desse crucificado que tão pouco parecia um homem, a divindade de Cristo, assim o triunfo completo dos inimigos revelará com evidência que todos os caminhos que não passam por Aquele que é o Caminho são sem saída, trajectórias sem salvação. A única via redentora do homem e da História está em Cristo e na submissão libertadora ao seu reino. O triunfo completo dos inimigos manifestá-lo-á. O seu triunfo completo será a sua derrota total.

Mas sendo assim, pode então perguntar-se para quê combater, para quê lutar, para quê o apostolado e o Apostolado da Oração? Ramière previu, naturalmente, a pergunta, e responde que aos cristãos compete colaborar com a acção divina, entregar-se inteiramente, desde já, à construção desse reino que virá como e quando a liberdade e sabedoria de Deus quiserem. Aos fiéis pede-se que, pela sua oração e pelas suas obras, cooperem com Deus, preparem essa vinda e, de algum modo, a antecipem. Essa presença do reino deve ser, antes de mais, preparada e antecipada no interior e na vida de cada um — “Assentae o vosso throno em meu coração, que está prompto para vos obedecer em tudo”¹⁹ — e, a partir daí, irradiar e propagar-se àqueles que o rodeiam, numa permanente comunhão de amor com o coração de Jesus que será “le lien, le moteur, la règle et la fin”²⁰: “Tenhamos confiança e não duvidemos do triumpho; mas uma vez que, para o completar, o divino Coração espera o nosso concurso generoso, não lh’o recusemos.”²¹

Note-se, entretanto, que este *milenarismo cristológico* é, em nosso entender, também o produto de uma eclesiologia comum a Ramière e aos artigos do *Mensageiro*, a qual identifica Igreja de Cristo e reino de Deus com a Igreja Católica. Atente-se, por exemplo, em passagens como estas: “Povos e reis que perseguis o Christianismo, ou a Religião Catholica, que é o synonymo do Christianismo [...]”²²; e: “[...] a Verdade é JESUS Christo, como a Egreja nol-o propõe; porque só com a Egreja é que JESUS Christo esteve desde o principio, e estará até á consummação dos seculos.”²³

Será, de igual modo, esta concepção eclesial que marcará de maneira significativa a linguagem deliberadamente enfática apresentada pelo

¹⁹ *Mensageiro*, 216. A ligação entre o Cristo-Rei e o Sagrado Coração começa logo nos inícios da devoção ao Coração de Jesus e, precisamente, acentuando este acontecer do reino de Cristo no interior, no coração de cada homem (Cf. BOLAND, André, *Royaume de Dieu et Royauté du Christ*. In *DSP*, Paris, Beauchesne, 1988, vol 13, 1084-1089.) O *Mensageiro*, como desde já se percebe, e como o resto do trabalho testemunhará, é um eloquente fruto e exemplo dessa relação.

²⁰ Henry RAMIÈRE, *L’Apostolat du Sacré Coeur de Jésus*. 3ª edição. Toulouse, Directeur du *Messageur du Coeur de Jésus*, 1872, vol 2, 87.

²¹ *Mensageiro*, 71.

²² *Mensageiro*, 17.

²³ *Mensageiro*, 45.

Mensageiro, e que hoje nos poderá parecer um tanto alarmada e alarmista, ao mostrar o mundo e a sociedade à beira do abismo e da catástrofe e vendo, naqueles que se afastam e combatem a Igreja, a doutrina e os valores cristãos, inimigos que a cercam completamente com um verdadeiro poder infernal. Parece-nos claro que tal radicalização é uma consequência natural do *extra ecclesiam nulla salus*. Pois se fora da Igreja não há salvação, é evidente que, sendo combatida a Igreja, o mundo não pode deixar de ficar à beira de uma situação de cataclismo (“[...] que seria do mundo se fosse possível destruir a Religião Catholica?”²⁴) e que os responsáveis só podem ser homens profundamente iníquos e diabólicos. O facto de toda a sociedade se ter alheado da vida de Cristo, “eis — escreve Ramière — o que condemna a uma lamentavel decadencia as nações que foram tam florescentes emquanto foram verdadeiramente catholicas.”²⁵

Por outro lado, e de modo semelhante, tal perspectiva marcará o milenarismo presente na firme crença e esperança na vinda e total triunfo do reino de Deus, que recuperará o seu domínio, o seu império sobre a terra: “La société humaine doit être régénérée; JÉSUS-Christ doit prendre possession de la royauté que DIEU son Père lui a donnée sur toutes les nations de la terre.”²⁶ Ou seja, o domínio e a presença do reino de Deus neste mundo hão-de ter uma expressão temporal, histórica, social, cultural e política. E como poderia deixar de ser assim? Se a Igreja delimita, com as suas fronteiras, o espaço salvífico, Deus, que é Amor e quer que todos os homens se salvem, não pode senão alargar essas fronteiras, estabelecendo a Igreja e o seu domínio, que é um domínio de amor e serviço, a toda a terra. Eis porque o triunfo da Igreja é um imperativo e, de certa forma — ainda que a prudência obrigasse a alguma contenção a convicção da esperança —, um acontecimento iminente.

O tom apresentado pelo *Mensageiro* é, sem dúvida, no seu voluntarismo messiânico, um produto inequívoco do arreigado desta eclesiologia e da força apaixonada de tão convicta esperança.

1. Um coração para o combate

Há um acontecimento absolutamente decisivo e central na teologia e na acção do padre Ramière: o “dogma capital”, a divinização do homem

²⁴ *Mensageiro*, 108.

²⁵ *Mensageiro*, 323.

²⁶ RAMIÈRE, *L'Apostolat du Sacré*, 84.

pela encarnação do Verbo, dom de Deus pela acção do Espírito. O homem é filho de Deus, divinizou-se, é um porta-Deus, um teóforo.

O combate que Henry Ramière se propõe travar, e para o qual chama todos os cristãos, brota, em primeiro lugar, da necessidade de que todos os homens tomem consciência da sua condição de filhos de Deus, da adopção cumprida no Filho, da sua elevação a seres divinos, pela gratuidade do Pai, no Filho, através do Paráclito. Unido a Cristo, a revelação do Pai, o homem é, pela acção do Espírito, divinizado, e, em consequência disso, toda a sua vida deve ser a manifestação de quem se sabe e sente atingido por esta grandeza inaudita, de quem tomou consciência de que a vida eterna gerada no seio de Deus trinitário nos foi revelada e facultada em Cristo e que, como diz S. João, o Evangelista do Coração de Jesus, segundo Ramière, n'Ele nós a pudemos ver com os nossos olhos e tocá-la com as nossas próprias mãos. E uma vez conscientes disso, é necessário agir em conformidade com essa condição de divinizados no Filho, desde já participantes da eternidade.²⁷

Porque nem todos os homens o sabem, ou porque nem todos os que o sabem — como é o caso de muitos cristãos — o vivem, pensando que essa divinização e participação, desde agora, da vida eterna, são apenas metáforas e *hipérboles*, é urgente afirmar sem reservas que “la vraie divinisation du chrétien est un dogme de foi”²⁸, partindo para o apostolado, o apostolado, em primeiro lugar, da oração, o espaço privilegiado e mais autêntico da manifestação e realização da eleição filial, unindo o Coração dos cristãos ao Coração de Cristo, “que é para uns e outros [cristãos e não-cristãos] a unica fonte de salvação.”²⁹

Ramière tinha consciência da dificuldade de tal apostolado e da defesa de tal doutrina “au milieu des obscurités et des agitations de l'heure présente”³⁰, um presente subjugado pelo racionalismo. Mas isso só aumentava a necessidade e a obrigação desse apostolado que se coloca sob a protecção da devoção ao Coração de Jesus, não só porque significava o regresso à doutrina essencial da união com Cristo que a teologia escolástica e a teologia dogmática tinham esquecido e confinado exclusivamente aos terrenos da mística, mas também, e sobretudo, porque ela tinha sido sugerida pelo próprio Cristo, ao aparecer, no século XVII, a S. Margarida Maria Alacoque, apontando a devoção ao seu Coração como caminho

²⁷ RAMIÈRE, *Le Coeur*, 1-19.

²⁸ RAMIÈRE, *Le Coeur*, 6.

²⁹ *Mensageiro*, 199.

³⁰ RAMIÈRE, *Le Coeur*, 8.

redentor e arma de combate para a “dupla guerra” então travada contra o rigorismo jansenista e o culto da razão.³¹

O jansenismo fora vencido, não sem deixar as suas cicatrizes, mas a fé na razão multiplicou-se no liberalismo anti-clerical, na crença positivista no progresso e na ciência, no materialismo, na incredulidade crescente. Contra a tirania da razão, a devoção que preparava o triunfo do reinado de Jesus pelo serviço e pelo amor, continuava a ser a arma necessária e urgente: “Dir-se-hia que na véspera da lucta suprema, Jesus Christo a deu a seu exercito como palavra d’ordem [...]”³².

1.1 A militância

As primeiras palavras do primeiro número do *Mensageiro* português retomam a tradicional simbologia do mar proceloso, para explicarem a situação que justifica o *Mensageiro* e à qual este tenta responder ou para a qual este tenta conseguir, da parte dos cristãos, capacidade de resposta. A situação é, pois, de tempestade, “cresceram as tempestuosas ondas da impiedade”³³, e foi necessário erguer o olhar para Cristo, pondo n’Ele a esperança da salvação, procurando no refúgio da sua mão o não serem os cristãos precipitados “no abysmo por inimigos ventos”³⁴. A este pedido responde o Pai, “aquelle bom Pae”, que abrindo “o seu peito, mostrou o seu Coração sagrado [dizendo-lhes:] «Este é o porto da vossa salvação e o meu amor é o escudo de vossa esperança»”³⁵. É a única referência que vimos onde é o Pai, e não o Filho, quem abre o peito. Uma fórmula trinitária que apresenta, ao mesmo tempo, o Coração Sagrado como Jesus Cristo e Jesus Cristo como o Coração do Pai.

Conduzidas pelo Pai a esse “porto d’eterna tranquilidade”³⁶, as nações cristãs “ergueram o estandarte do Sagrado Coração de Jesus”, *remédio* e *alimento* que o Apostolado da Oração, através do seu órgão oficial, difunde e prodigaliza.

A imagem deste mar aparecerá mais vezes³⁷, ou então transforma-se na imagem do dilúvio, onde naufraga ou está na iminência de naufragar o

³¹ RAMIÈRE, *Le Coeur*, 17-18.

³² *Mensageiro*, 363.

³³ *Mensageiro*, 5.

³⁴ *Mensageiro*, 5.

³⁵ *Mensageiro*, 5.

³⁶ *Mensageiro*, 5.

³⁷ *Mensageiro*, 20; 107; 210.

presente, no qual e para o qual o coração de Jesus é, como no tempo de Noé, a Arca salvadora.³⁸

Cercada pela hostilidade que as revoluções liberais fizeram recrudescer, a Igreja sente que, como outrora “os Barbaros do Norte, caindo como um dilúvio sobre o Meio Dia da Europa”³⁹, novos bárbaros surgiram e surgem agora: “Luthero, Calvino, Socino, e logo depois Rousseau, e os demais Deistas, e pouco depois Voltaire, os Encyclopedistas, e ultimamente os Racionalistas”⁴⁰. Por isso, recorre ao Coração de Jesus, “que se tem tornado a Arca e o Santuario, onde os povos esperam salvar-se do grande cataclysmo que os ameaça.”⁴¹

É, no entanto, à alegoria da organização da vida militar e guerreira, com toda a linguagem que lhe é própria, que cabe o papel mais relevante, ao longo de todo o primeiro volume. A ela se recorre para a descrição e definição da situação conflituosa vivida entre a Igreja e a sociedade (sobretudo o poder político). Nela se procuram as imagens, os símbolos, os vocábulos que melhor ilustrem e convençam da necessidade da defesa do cristianismo, dos cristãos e da humanidade em geral, bem como da necessária recristianização a que o Apostolado da Oração tenta valer. Servindo-se dela se expõem os objectivos a atingir, os métodos a que é preciso recorrer.

Na “formidável crise que a atravessa”⁴², à Igreja “todos os socorros possíveis”⁴³ são urgentes, na luta contra os seus inimigos, contra a “liga criminosa”⁴⁴ (leia-se maçonaria), contra a “seita anti-christã”⁴⁵. A eles, o Apostolado da Oração, através da forte estrutura associativa que tenta responder à organização das sociedades secretas e à de outros poderes anti-cristãos, influenciando pela sua acção os meios sociais e políticos,⁴⁶ contraporá o poder do Coração de Jesus, estandarte e “Real guerreiro”⁴⁷, em torno do qual e sob a protecção e auxílio do qual procura criar uma Liga que dê força e eficácia às suas acções e visibilidade que propague esse apostolado orante. À volta desse coração todos os corações se deverão unir para que os

³⁸ *Mensagem*, 291; 21; 22; 140. “S. Agostinho compara o Coração de JESUS á arca de Noé”, *Mensagem*, 86.

³⁹ *Mensagem*, 19.

⁴⁰ *Mensagem*, 20; *Mensagem*, 44.

⁴¹ *Mensagem*, 21.

⁴² *Mensagem*, 297.

⁴³ *Mensagem*, 297.

⁴⁴ *Mensagem*, 72.

⁴⁵ *Mensagem*, 8.

⁴⁶ Sobre a acção organizativa e a *teologia social* na vida do padre Ramière, Cf. VALLIN, *Ramière*, 66-67.

⁴⁷ *Mensagem*, 70.

interesses de cada um não sejam senão os interesses do divino coração, para que os desejos e afectos de cada um sejam os affectos e desejos do pulsar divino.⁴⁸ De resto, só nessa união, só nessa incorporação com o Ressuscitado, estará a vitória do homem sobre o mundo, porque só aí está a sua divinização.

Esta união de todos os corações ao Coração de Cristo é, além disso, um movimento que deve atingir também o interior da Igreja, onde se multiplicam as obras católicas. Por isso, e para que essa multiplicação não signifique divisão, mas fecundidade e vitalidade, Henry Ramière lança a ideia e o apelo a que se faça a união das obras católicas numa Liga do Coração de Jesus⁴⁹: “Não é sómente para as almas; é também para as obras que JESUS Christo pede que sejam *uma: ut sint unum*.”⁵⁰ Tal unidade não implicará um novo encargo para os grupos associados, mas significará uma nova força, tendo como centro Cristo e o seu coração, “laço *commum* d’essas obras e principio da sua fecundidade”⁵¹, a “bandeira *commum*”⁵². Para além desta bandeira a *Santa Liga* proporá, ainda, um gládio: a recitação do Rosário, gládio espiritual de que S. Domingos se serviu para combater o maniqueísmo albigense, a arma a “que se deve attribuir a victoria alcançada pela civilização christã. Que poderemos nós fazer melhor do que tomar a mesma arma para afastar os perigos ainda mais ameaçadores?”⁵³

A recitação obedecerá, por isso, ao seguinte plano:

“O Rosário toma um corpo, distribuindo os quinze mysterios a outras tantas pessoas; torna-se vivo. Cada quinzena forma uma companhia sob a guarda d’um zelador, e chega-se sem custo a constituir por este modo um grande exercito, cujos soldados se conservam em constante comunicação pela distribuição mensal dos mysterios.”⁵⁴

Empunhar armas sob a bandeira comum, formar companhias e chefes de companhias, organizar o exercito, eis a tarefa urgente e paciente para quem vive não na Igreja triunfante, Igreja celeste, mas na Igreja terrestre, para a qual “o triumpho que pedimos [...] tarda”⁵⁵. E porque é militante, “a

⁴⁸ *Mensageiro*, 36.

⁴⁹ *Mensageiro*, 33-41.

⁵⁰ *Mensageiro*, 34.

⁵¹ *Mensageiro*, 37.

⁵² *Mensageiro*, 39.

⁵³ *Mensageiro*, 39.

⁵⁴ *Mensageiro*, 40.

⁵⁵ *Mensageiro*, 97.

lucta é a um tempo o seu *destino*, a sua *gloria* e o seu *interesse* cá em baixo.”⁵⁶

A luta é o seu destino, porque a Igreja partilha o destino do seu divino Fundador:

“Vede JESUS no pretorio e Pio IX no Vaticano — escreve Ramière —; lança os olhos por outro lado sobre os inimigos d’esse divino Salvador e da sua Igreja. [...] A lucta continua sempre nas mesmas condições e a Igreja militante, sempre fiel ao seu divino Esposo, continua a partilhar o seu destino.”⁵⁷

Mas se partilha da sua luta, partilha também da sua glória; por isso, a sua luta é a sua glória à qual o Esposo a conduz e chama. Aliás, escreve não sem arriscada ousadia o mesmo autor:

“É porque elle [Christo] não achava no ceo a possibilidade de combater que desceu ao campo de batalha da nossa humanidade e chama após si a sua Igreja, afim de que colhendo cá em baixo os mesmos louros, ella possa gozar no ceo das mesmas honras. Conforme á gloria de JESUS Christo, a da Igreja deve ser proporcionada á profundeza das ignominias e á duração das suas luctas.”⁵⁸

Mediante isto, a luta é, pois, também o seu interesse. Ela não só é a garantia e a porção da sua glória, como é o aguilhão que desinstala, desperta, purifica, estimula: “reanima aquelles que são fieis [...] Entre os christãos adormecidos que desperta[m], ha-os que retomam as armas e correm ao combate [...]”⁵⁹

Por sua vez, participando do destino da Igreja e do seu “divino chefe”⁶⁰, ao “verdadeiro catholico [compete] ser militante como sua mãe”, não ficar a “gemer o que ha de criminoso nas perseguições que os inimigos da Igreja lhe fazem soffrer. Que se diria do soldado que no momento da lucta se occupasse unicamente em censurar as manobras do inimigo?”⁶¹

O dever de cada cristão é o de “combater e fazer sobreviver a gloria da Igreja aos ataques que lhe dão”⁶², é executar “o plano do nosso divino

⁵⁶ *Mensagem*, 103.

⁵⁷ *Mensagem*, 98-99.

⁵⁸ *Mensagem*, 100.

⁵⁹ *Mensagem*, 101.

⁶⁰ *Mensagem*, 102.

⁶¹ *Mensagem*, 103.

⁶² *Mensagem*, 103.

chefe”⁶³, que não falhará, se não falhar o empenho do soldado: “Sejamos militantes e seremos triumphantes.”⁶⁴, é o slogan lançado por Ramière que lembra que, se houver constância e não se depuserem as armas, a violência dos ataques não enfraquecerá os cristãos, mas, ao contrário, assegurará uma maior glória e felicidade.

Esta militância necessária em todos os tempos, mas mais urgente nas horas de perseguição, é, nestas condições, a “palavra d’ordem do exercito catholico”⁶⁵ e deve começar pelos padres. O seu espírito de militância deve gerar-se no amor pela pobreza. Militantes e pobres estarão sempre armados, porque, nesses tempos em que a Igreja “está cercada d’inimigos furiosos [...], com a flauta que guia os rebanhos, os pastores devem ter sempre na mão uma arma para repellir os animaes daninhos [...e para] conquistar almas que lhe teem sido arrancadas.”⁶⁶

Depois, ao clero, é necessário que se juntem todos os fiéis, que “tomem parte na lucta”⁶⁷, que acorram à defesa e à conquista:

“A cidade de Deus atravessa uma das suas crises terríveis, que necessita o concurso de todos os cidadãos. Quando os inimigos dão o assalto á cidadella, todos os que teem no coração um pouco de patriotismo devem concorrer ás trincheiras [...] A gloria de reconduzir esses pobres transviados está reservada especialmente aos voluntarios do exercito santo [...] Sim, são hoje a mais doce esperança da Egreja as santas phalanges do zelo, batalhões de todas as armas, militares de coração sacerdotal, nobres mancebos [...] que se reuinem sob a bandeira da caridade, christãos militantes em uma palavra.”⁶⁸

Finalmente, “á milicia que falla e á milicia que obra é preciso juntar a milicia que reza e que se immola, porque é pela oração e pelo sacrificio, mais ainda do que pela palavra e pela acção, que JESUS Christo salva o mundo”⁶⁹. Tal papel cabe às ordens religiosas. “Oxalá — conclui Ramière — que todos os verdadeiros catholicos possam animar-se d’esse espirito militante, e infileirados na nossa santa Liga, sob o estandarte do Coração de JESUS, combatam juntos pela justa causa.”⁷⁰

⁶³ *Mensagem*, 103.

⁶⁴ *Mensagem*, 103.

⁶⁵ *Mensagem*, 103.

⁶⁶ *Mensagem*, 104.

⁶⁷ *Mensagem*, 105.

⁶⁸ *Mensagem*, 105.

⁶⁹ *Mensagem*, 105.

⁷⁰ *Mensagem*, 106.

Um combate a travar em todas as frentes, porque, como se disse, os inimigos cercam por todos os lados. Mas há três pontos nevrálgicos — estratégicos — onde se decidirá o bom sucesso desta peleja e onde convém marcar posição, presença poderosa e eficaz: na imprensa, no ensino e no mundo operário.

1.1.1 Na imprensa

Na intenção proposta para Dezembro, na qual se sugere aos associados do Apostolado da Oração que ofereçam durante esse mês todas as orações, obras e sofrimentos “por todos aquelles que trabalham em defender pela imprensa”⁷¹ os *direitos sagrados* de Cristo e da sua Igreja, pedindo ao *divino Salvador* que os sustente nesse “difficil combate, e deten[ha] por um prodigio da [sua] dextra, as assolações da imprensa impia”⁷², o padre Ramière escreve:

“[...] a imprensa é sempre o mais poderoso de todos os instrumentos de propaganda *para a venda* e a mais mortifera de todas as armas de que se serve o *erro* para destruir o reino de Deus na terra. Sendo assim, entre todas as obras destinadas a defender a causa de Deus, não ha nenhuma que se recomende mais a nós do que as obras da imprensa.”⁷³

Poderoso instrumento de propaganda, arma mortifera ao serviço do erro, é necessário que “a imprensa [, que] é a palavra elevada ao seu mais alto poder”⁷⁴, seja usada como instrumento privilegiado para a defesa dos cristãos e propagação da fé e da verdade. Há que saber usar as mesmas e poderosas armas usadas pelo inimigo, que, através da “imprensa anti-cristã”⁷⁵, vai difundindo a sua “propaganda heretica”⁷⁶, e fazer desse instrumento pervertido o mais eficaz dos instrumentos de apostolado: “o que deveria ser, nas mãos da verdade o mais efficaz dos instrumentos do

⁷¹ *Mensagem*, 264. Tenha-se presente que *imprensa* tem, aqui, uma abrangência muito mais vasta do que aquela que, hoje, normalmente se lhe atribui. Imprensa refere-se a tudo aquilo que é impresso.

⁷² *Mensagem*, 264.

⁷³ *Mensagem*, 257.

⁷⁴ *Mensagem*, 257.

⁷⁵ *Mensagem*, 259.

⁷⁶ *Mensagem*, 259.

apostolado, é, pelo espírito de mentira e por seus agentes, o mais poderoso de todos os instrumento de perversão.”⁷⁷

Ramière lança, por isso, a proposta de que se crie uma associação que tenha por fim exercer o apostolado da imprensa⁷⁸, para o bom uso dessa “arma formidável”⁷⁹, que está a ser usada “para combater a Deus [...] para finalmente aniquilar o seu imperio sobre a terra”⁸⁰, conseguindo apenas, com a sua “propaganda infernal”⁸¹, a incredulidade, a falta de esperança, os maus desejos, o hedonismo, a injustiça, a desarmonia social e a desordem pública... “Ah! a responsabilidade de tantos males cabe só e simplesmente á imprensa anti-christã”⁸². “Jámais a humanidade se viu exposta a desordens e catastrophes comparaveis áquellas com que a ameaçam o poder sempre crescente da imprensa e a sua licença cada vez mais desenfreada.”⁸³

A situação é de tal maneira crítica e o cataclismo de tal maneira iminente, que se escreve que a salvação não poderá vir senão pela intervenção divina, por “um prodigio da sua mão direita”:

“Sim, é preciso um milagre para deter as assolações d’esta torrente immunda que espalha sobre a Europa inteira suas ondas incapelladas. É preciso um milagre para subtrahir os povos ás devastações d’este veneno quotidiano, em que se empregam milhares de homens.”⁸⁴

Entretanto, colaborando com a acção divina e realizando antecipadamente esse apostolado da imprensa do qual Ramière percebe a importância fundamental e para o qual chama a atenção e a mobilização da Igreja e dos cristãos, o *Mensageiro* ia marcando, em contra-corrente, posição nesse poderoso meio que, como muito bem via o padre jesuita “adquirirá sobre as sociedades humanas um imperio muito superior ao que dá a força das armas.”⁸⁵ O *Mensageiro* foi uma das realizações mais notáveis deste homem que leu com clareza o poder da imprensa e as suas possibilidades evangelizadoras, e que acreditou que “se a imprensa fosse unicamente empregada em propagar a verdade nas intelligencias, e a fundar nas almas o

⁷⁷ *Mensageiro*, 259.

⁷⁸ *Mensageiro*, 263.

⁷⁹ *Mensageiro*, 260.

⁸⁰ *Mensageiro*, 260.

⁸¹ *Mensageiro*, 260.

⁸² *Mensageiro*, 261.

⁸³ *Mensageiro*, 261.

⁸⁴ *Mensageiro*, 261.

⁸⁵ *Mensageiro*, 259.

imperio da divina caridade, seriam precisos bem poucos annos para renovar a face do mundo.”⁸⁶

1.1. 2 No ensino

Apesar de francamente apontada ao coração, à valorização do affecto, da emoção, da sensibilidade, do entusiasmo, apesar do constante apelo à vontade e ao voluntarismo, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que o Apostolado da Oração e o *Mensageiro* adoptaram como centro vital da sua existência e acção, não descuro nunca, antes pelo contrário, o esforço de racionalização da fé, a reflexão teológica sobre as suas propostas e obras. E se havia quem acusasse a devoção ao Coração divino de *realismo grosseiro*, ninguém poderia acusar o Apostolado de um empenho pouco esclarecido. Tal como no caso da imprensa, também aqui há a clara consciência de que é necessário manejar as mesmas armas do inimigo, isto é, as armas da razão: “[...] é necessário, antes de tudo, — escreve Ramière — para chegar ao coração, abrir a porta da intelligencia. O ensino é pois a primeira função da Igreja”⁸⁷.

O ensino é a sua função primeira, e a criação de universidades Católicas uma das suas necessidades mais urgentes: “É necessario fundar universidades catholicas. Entre as necessidades presentes da Igreja, esta é incontestavelmente uma das mais urgentes”⁸⁸; porque elas são a sua força e a sua glória e só por isso é que são “odiadas pelos inimigos da Igreja”⁸⁹ e têm sido encerradas pela “seita anti-christã” que “se esforça por innocular o veneno do erro nas escolas que lhes são substituidas”⁹⁰. Os “ataques da revolução”⁹¹ deixaram atrás de si muitas ruínas, e mesmo nos tempos que então se viviam a sanha destruidora continuava, como provava o encerramento da Universidade Gregoriana pelos “pregadores ricamente pagos do ensino gratuito”⁹², pelos “pretendidos amigos da liberdade”⁹³.

As “universidades irreligiosas”, que se levantam sobre as universidades Católicas, são centros de perversão que, acolhendo os jovens na sua inocência e pureza, vindos de uma sábia e cristã educação familiar, os

⁸⁶ *Mensageiro*, 259. O Apostolado da Oração publicaria, ainda, o *Petit Messager du Coeur de MARIE*.

⁸⁷ *Mensageiro*, 12.

⁸⁸ *Mensageiro*, 7.

⁸⁹ *Mensageiro*, 15.

⁹⁰ *Mensageiro*, 8.

⁹¹ *Mensageiro*, 7.

⁹² *Mensageiro*, 15.

⁹³ *Mensageiro*, 15.

põem “debaixo da acção constante das peiores influencias”⁹⁴, formando-os à “imagem e similhaça” (curioso uso da expressão genesiaca a sugerir a completa descrição e recriação exercida pelo poder maligno) dos *hábeis professores*, administradores da “fascinação do erro”⁹⁵. E vencendo-os pelos vícios morais (vícios do coração) e pela incredulidade (vício da inteligência), fazem deles, num efeito em cadeia, potenciais propagadores dos vícios e da descrença: “E prouvera a Deus que elles guardassem para si sós a funesta ulcera que os roe; mas a sua enfermidade é contagiosa, e os seus estragos se espalharão, segundo a influencia de que vão brevemente dispor.”⁹⁶

Urge, por isso, que, tal como a abelha que, uma vez desapropriada do favo, imediatamente põe mãos à obra para construir um novo, uma vez usurpada daquelas que tinha feito, a Igreja reconstrua as suas universidades Católicas, porque assim como “as universidades irreligiosas são, para uma nação inteira, focos de irreligião e de immoralidade”⁹⁷, assim também “as universidades verdadeiramente catholicas são focos de luz e de vida.”⁹⁸

A Igreja, que “está destinada [...] a reconquistar o seu imperio sobre a sociedade humana e a vivifical-a de novo pela sua celeste influencia”⁹⁹, tem, pois, a necessidade e o dever de realizar quanto antes esse projecto de reconstrução que lhe permita cumprir a sua obrigação de anunciar e ensinar “a Verdade suprema, universal, absoluta, infinita, aquella que encerra todas as outras, o foco d’onde irradiam todas as verdades, o centro para o qual todas ellas convergem. A Egreja não ensinaria [...] Jesus Christo integral se o isolasse do mundo intelligente.”¹⁰⁰

1.1.3 No mundo operário

É outra tarefa urgente — “não ha tempo a perder”¹⁰¹ —, é mais um combate onde é necessário lutar com as mesmas armas do inimigo (pela criação das *obras de obreiros*, sob a devoção ao Coração de Jesus):

“Por toda a parte a seita [da impiedade] tem emissarios; por toda a parte completa a sua organização; e se do nosso lado, nós não desenvolvermos uma actividade igual á d’elles, devemos esperar

⁹⁴ *Mensagem*, 10.

⁹⁵ *Mensagem*, 10.

⁹⁶ *Mensagem*, 11.

⁹⁷ *Mensagem*, 12.

⁹⁸ *Mensagem*, 12.

⁹⁹ *Mensagem*, 8.

¹⁰⁰ *Mensagem*, 13.

¹⁰¹ *Mensagem*, 165.

catastrophes mais terríveis ainda do que aquellas de que já fomos victimas.”¹⁰²

Eis, pois, aquele que será talvez, de todos, o combate mais decisivo: “Eis aqui — escreve Ramière — o principal campo de batalha sobre o qual a Igreja militante está chamada em nossos dias, a combater a seita anti-christã e a fazer triumphar a causa de Deus.”¹⁰³

Os *ataques* do “apostolado da impiedade”¹⁰⁴ conseguiram “o mais funesto triumpho do anti-christianismo”¹⁰⁵, a saber, afastar as classes operárias de Cristo e da Igreja, separando-as assim, a um tempo, d’Aquele que sempre procurou os mais frágeis e que, ao incarnar como filho de um carpinteiro, santificou o trabalho, transformando-o de sacrificio que escraviza em serviço que dignifica, e retirando-as da Igreja que, com a sua influência maternal, foi, ao longo dos séculos, sua pronta e certa protectora:

“É por isso que se consummou a apostasia social, que havia começado, no ultimo seculo pela prevaricação dos ricos e dos litteratos. Durante o seculo presente, é sobretudo no seio das populações operarias que a propaganda anti-christã se tem exercido com uma perseverança infatigavel, e desgraçadamente com grande resultado.”¹⁰⁶

Ora, acontece, como agravante, que é justamente essa franja social, no meio da qual a Igreja começa a perder presença e influência, aquela que vai, através do sufrágio universal, “a arma a mais terrível que jámais foi posta em mãos de homens”¹⁰⁷, segundo Ramière, ser chamada a decidir sobre os destinos das sociedades e dos homens: “Nós não exaggeramos pois nada, quando affirmamos que o futuro da sociedade pertence ás classes operarias, e que é sobre este terreno que se vai travar entre o Christo e o Ante-Christo a luta que decidirá dos destinos terrestres da Igreja.”¹⁰⁸

Eis porque urge “á propaganda do mal [...] oppor a propaganda do bem”¹⁰⁹, denunciando a mentira e a falsidade das novas propostas ideológicas, e reanunciar a “caridade christã, da qual a phylantropia

¹⁰² *Mensagem*, 163.

¹⁰³ *Mensagem*, 161.

¹⁰⁴ *Mensagem*, 163.

¹⁰⁵ *Mensagem*, 162.

¹⁰⁶ *Mensagem*, 162-163.

¹⁰⁷ *Mensagem*, 163.

¹⁰⁸ *Mensagem*, 164.

¹⁰⁹ *Mensagem*, 165.

socialista não é senão mentirosa falsificação.”¹¹⁰ Urge, portanto, “refazer [...] a educação das classes obreiras”¹¹¹ — Ramière poderia ter dito refazer a doutrinação —, através de um apostolado que, contra a “fascinação das más doutrinas”¹¹², adopte uma *tactica* que recuse a *prudencia* em favor da *dedicação* e da *militância*, num esforço de evangelização que pregue, segundo a estratégia do Apostolado (orar, falar e agir¹¹³), a “religião inteira”, isto é, “todo o brilho da sua doutrina em todo o calor da sua piedade”¹¹⁴, dirigindo-se, por isso, ao mesmo tempo, ao raciocínio e ao coração, à inteligência e ao afecto — uma religião total, dirigida ao homem todo e à “sua vida inteira”¹¹⁵:

“Ter-se-ha ganho tudo junto dos obreiros, se se chegar a fazer penetrar em seu coração esta dedicação, e a fazel-os militar debaixo da bandeira do Coração de JESUS, concebendo por esta nobre bandeira um sentimento analogo áquelle que o soldado sente pelo emblema que o conduz à victoria.”¹¹⁶

Unidos ao Apostolado da Oração, tal como as outras obras católicas, as *obras dos obreiros* ganharão “uma bandeira para os conduzir ao combate, [e] uma arma para lutar juntos contra os inimigos de Deus.”¹¹⁷

2. Um Coração para a paz

Se no ponto anterior, ao propor-se um coração para o combate, a linguagem, por vezes, como se pôde ver, se aproxima do tom apocalíptico, agora é a linguagem messiânica que as expressões e as imagens utilizadas evocam.

Tal como os profetas falaram no pequeno resto de Israel, destinatário e garante do cumprimento da Aliança, Ramière fala das ruínas da Igreja¹¹⁸ e suas obras¹¹⁹, dos “restos”¹²⁰ que a “sociedade christã” há-de aproveitar

¹¹⁰ *Mensageiro*, 166.

¹¹¹ *Mensageiro*, 166.

¹¹² *Mensageiro*, 166.

¹¹³ *Mensageiro*, 9.

¹¹⁴ *Mensageiro*, 166.

¹¹⁵ *Mensageiro*, 167.

¹¹⁶ *Mensageiro*, 167.

¹¹⁷ *Mensageiro*, 168.

¹¹⁸ *Mensageiro*, 7-8.

¹¹⁹ *Mensageiro*, 13.

¹²⁰ *Mensageiro*, 72.

para reerguer, de novo, o reino de Cristo, um reino que virá e já vem, ao ritmo do pulsar do coração de Jesus, ao ritmo poderoso e irresistível do seu amor. Será, por isso, como nos tempos messiânicos, um reino que trará uma nova justiça, o bem, a verdade, a paz, realizando a verdadeira regeneração (esse desejo e palavra tantas vezes proferidos e escritos ao longo do século XIX) e instaurando uma harmonia que, a seu modo, Ramière tenta prenunciar e inaugurar, através de uma atitude de conciliação da doutrina da Igreja com o pensamento moderno, sobretudo com a tríade liberdade, igualdade e fraternidade, que ele reivindica para Cristo e para a sua Igreja, como valores que desde sempre propuseram, defenderam e praticaram, e aos quais e para os quais são os únicos que podem garantir autenticidade. Em *Les Espérances de l'Église*, Ramière diz ser necessário

“faire comprendre à notre siècle, si avide de liberté, d'égalité, de fraternité, d'unité, de progrès, que l'influence de la doctrine chrétienne, complètement restaurée, peut seule lui assurer la liberté bien ordonnée, l'égalité salutaire, la fraternité vraie des hommes et des peuples, l'unité vitale et le progrès fécond [...]”¹²¹

Respondendo a essa necessidade de reconduzir à Igreja as mais nobres aspirações da sociedade, Ramière preconizará a conciliação exercida através daquilo a que chama uma “polémica positiva” que, ao contrário da “polémica negativa”, não repudia, mas aproveita a parte de verdade que existe e detecta no adversário, para o conduzir à verdade total.¹²²

O *Mensagemiro*, no tomo agora em estudo, é um reflexo destas orientações. Àqueles que viram as mais nobres aspirações da sociedade gerar a decadência, apresenta a devoção ao Coração de Jesus como a única solução redentora; é ela que realiza a verdadeira regeneração:

“[...] esta devoção [...] espalhou-se em todo o mundo cristão e renovou a face da terra. O espírito pagão tinha invadido a sociedade cristã: a fé tinha-se obscurecido; os costumes iam-se desenvolvendo cada vez mais; o próprio clero, em bastantes paizes, tinha-se deixado ganhar por um rigorismo afrontoso e uma licença escandalosa; os laços da unidade relaxavam-se a olhos vistos e a auctoridade espiritual do Papado era violentamente combatida em muitos Estados que a reconheciam ainda em palavras.

À vista d'esta geral decadencia, a impiedade acclamava o fim proximo do catholicismo, e espiritos temerarios annunciavam uma

¹²¹ RAMIÈRE, *Les Espérances*, XXXII.

¹²² RAMIÈRE, *Les Espérances*, XXXII-XXXIII.

proxima regeneração operada no mundo por uma religião nova. A verdadeira regeneração teve lugar e foi o Coração de JESUS que a operou.”¹²³

A verdadeira regeneração teve lugar, mas falta cumprir-se plenamente. O coração de Jesus operou-a e, por isso, “n’este momento os seus inimigos estão mais furiosos do que nunca”¹²⁴; o Amor divino há-de ainda provocar “da parte do inferno e de seus propostos, uma recrudescencia d’odio”¹²⁵, mas esse será o último fôlego de quem não poderá resistir, porque “o amor do Coração de JESUS é mais forte que o odio do inferno”¹²⁶. É essa força, é esse poder que fazem desejar e esperar que ele

“acabe a sua obra, que o real guerreiro de que David nos predisse os triumphos, complete, por uma victoria definitiva, a expedição que empreendeu ha dous secullos [1674, aparição a S. Margarida Maria Alacoque]. Não é com effeito nos tempos presentes que se applica especialmente a consoladora prophesia do psalmo 44? Esse Rei tamanho e tão doce, sobre os labios do qual a graça é espelhada e que excede em belleza todos os filhos dos homens, que se adianta sem outra armadura além da sua doçura e justiça, não é JESUS Christo, que, para acabar de domar a ingratição dos homens, lhes apresenta sob o mais tocante symbolo a bondade infinita do seu Coração? Os raios que irrompem do seu Coração abrasado, as gotas de sangue que manam da sua ferida, não são essas flexas de que falla o Propheta, que vão traspassar os corações dos inimigos do Rei e prostrar a seus pés os povos vencidos?”¹²⁷

Cristo virá como Rei, virá libertar “os pobres cativos” das “vergonhosas cadeias” em que foram lançados pelos “perversos guias” da “grande apostasia social”, os quais quiseram fazer da revolução de 1789 “a era da sua regeneração”¹²⁸. O coração de Cristo, *Arca da nova Aliança* que sai do *Santuário* para se pôr no lugar de comando do *exercito sancto*, prevenindo os “grandes combates que se preparam” e garantindo, assim, a *victoria* aos que militam *nas suas fileiras*,¹²⁹ vem, àqueles que “só conhecem

¹²³ *Mensagem*, 68-69.

¹²⁴ *Mensagem*, 70.

¹²⁵ *Mensagem*, 70-71.

¹²⁶ *Mensagem*, 71.

¹²⁷ *Mensagem*, 70.

¹²⁸ *Mensagem*, 292-293.

¹²⁹ *Mensagem*, 290.

a paz pelo nome”¹³⁰, “victimas do maior engano que tem enganado a humanidade desde a fatal illusão do Paraiso terrestre”¹³¹, trazer a verdadeira regeneração do mundo, pela submissão dos que governam ao seu “doce imperio”¹³²; vem implantar aquela liberdade que só o seu reino assegura: “Ai! não terá renunciado toda a sociedade christã á liberdade que lhe assegurava a realeza de Jesus Christo, para se condemnar á escravidão real que lhe impõe uma falsa liberdade!”¹³³

Só Cristo, que oferece o seu coração como “um asylo e um consolo”¹³⁴, é e tem a verdadeira liberdade, a verdadeira igualdade, a verdadeira fraternidade. Só Ele conhece o futuro. Porque tudo é, e só é, à sua luz.

2.1 O Coração de Jesus: liberdade, igualdade, fraternidade e progresso

Um texto já não saído da pena de Ramière, mas de responsabilidade da redacção portuguesa, como da sua leitura se depreende, pode ilustrar e confirmar o que acaba de ser dito:

“A Liberdade é a filha primogenita do Christianismo, com tanto que por liberdade não se entenda, como entendem alguns, a faculdade de perseguir a Egreja e de praticar o que é máu, o que não é liberdade, antes abuso de liberdade.”¹³⁵

Ela foi-nos comprada por Cristo, “morrendo por nós no Calvario, Liberdade com a qual ficamos livres do erro, do peccado, da morte, e por consequencia do demonio, que é o verdadeiro tyramno do mundo.”¹³⁶

Ora, tal liberdade, como ensina S. João, é gerada na Verdade que é Cristo. Por isso, atentar contra Ele, a Verdade que liberta, e contra a sua Igreja é atentar contra o género humano.¹³⁷

¹³⁰ *Mensageiro*, 292.

¹³¹ *Mensageiro*, 293.

¹³² *Mensageiro*, 293.

¹³³ *Mensageiro*, 290.

¹³⁴ *Mensageiro*, 83.

¹³⁵ *Mensageiro*, 47.

¹³⁶ *Mensageiro*, 47.

¹³⁷ *Mensageiro*, 48.

É atentar, também, contra a igualdade: “Sem Jesus Christo que seria a Igualdade tão decantada hoje?”¹³⁸ Foi Ele que veio trazer a salvação universal e fazer de todos os homens um só povo. Se a igualdade evangélica é desprezada e combatida, não é porque se não reconheça que essa é a verdadeira igualdade, mas porque a via que o Senhor propõe é

“digna sómente do Coração de JESUS, a qual ensina que o meio mais efficaz para os homens serem eguaes, sem haver contendias, antes reinando entre todos a maior paz e harmonia, é não aspirar aos logares mais altos da sociedade humana, mas descer por caridade até aos infimos, onde se acham os pequeninos do povo.”¹³⁹

Foi esse o exemplo de Cristo, que se fez pobre com os pobres e que se aniquilou a si próprio até à morte de Cruz.¹⁴⁰

Atentar contra Jesus Cristo é, ainda, atentar contra a fraternidade, porque:

“Sem JESUS Christo a palavra Fraternidade, com que tanto alardeam hoje certos espiritos, não é mais que um vocabulo ôco e sonoro, mas sem sentido algum. Só Aquelle que morreu na Cruz por todos os homens é que tem direito de unil-os entre si pelos doces vinculos d’aquella divina Caridade em que ardeu sempre seu Coração. [...] A mesma Fé, a mesma Esperança, o mesmo Amor, a obediência aos mesmos Pastores, e sobretudo ao Romano Pontifice, taes são os vinculos indissolveis da Fraternidade entre os homens, os quaes, reunidos em uma só Igreja, só então reconhecem que são todos irmãos, quando todos adoram ao mesmo Pae em espirito e verdade. Aquelles porém que combatem o Christianismo que fazem senão combater a Fraternidade?”¹⁴¹

Finalmente, aqueles que seguem a *nova religião*, como lhe chama Ramière, a religião onde se professa a crença na ciência e no progresso, deviam saber que a Cruz é a única fonte de verdadeira civilização:

“[...] a Cruz [aquella mesma Cruz, que homens temerarios e sacrilegos teem tido o arrojio de pretender abater em nosos dias!] é o symbolo de tudo quanto ha [de] bom e salutar, na vida futura e tambem na presente [...] a Cruz tem o poder de civilisar os povos barbaros e selvagens; [...] as nações que abandonaram o Christianismo caíram na sua primitiva barbaria.”¹⁴²

¹³⁸ *Mensagem*, 45.

¹³⁹ *Mensagem*, 46.

¹⁴⁰ *Mensagem*, 46.

¹⁴¹ *Mensagem*, 45.

¹⁴² *Mensagem*, 44.

Em resumo: “sem JESUS Christo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, a história da humanidade não se entende, ou antes, fica de todo apagada a sua luz”¹⁴³.

2.2 Cristo, Luz do mundo

Sem Cristo apaga-se toda a luz. É esta a grande mensagem lançada pelo *Mensageiro* aos herdeiros do espírito das luzes, aos que descrêm em tudo, para crer apenas na luz da razão. Por isso, a imagem mais frequente, ao longo de todo o primeiro volume, para falar do reino de Cristo, é, justamente, a do sol e do sistema solar.

Como o sol que é o rei dos astros, Cristo resplandece na sua realeza:

“Jesus, o Supremo Monarcha do Universo, que nasceu desconhecido na gruta de Belem [...] alcançou triumphos que escureceram todas as victorias dos mais poderosos Monarchas, e eclypsaram para sempre toda a gloria do mundo. Que é todo o brilho e esplendor comparado com o de JESUS? [...] Sae do seu palacio dourado o Rei dos planetas, o sol assoma no horizonte, e ainda mesmo antes de apparecer, já os poucos raios de luz, que esparziu e de que se formou a Aurora, foram bastantes, para que fugissem todos os astros [...]”¹⁴⁴

Como o sol que governa os astros, Cristo governa o mundo:

“JESUS Christo é o Sol do mundo intellectual, assim como os apóstolos são estrellas, ou ainda mesmo constellações pelas Egrejas que fundaram; e a Igreja Catholica o firmamento”¹⁴⁵.

“O sol, se não é deus, é ao menos o symbolo mais elevado da magestade de Deus, e, melhor que nenhum dos seres creados, respresenta a JESUS Christo, percorrendo, qual Sol das intelligencias, atravez de todos os seculos os espaços do mundo visivel e invisivel.”¹⁴⁶

Como o sol que ilumina, Cristo dissipa as trevas do erro e da ignorância:

¹⁴³ *Mensageiro*, 44.

¹⁴⁴ *Mensageiro*, 136-137.

¹⁴⁵ *Mensageiro*, 42.

¹⁴⁶ *Mensageiro*, 137.

“O Coração de Jesus aberto e patente mostra toda a grandeza do seu amor, e o mysterio da sua Cruz é o sol que nasce para dissipar as trevas da ignorancia e de innumeraveis erros, que fazem o opprobrio da humanidade”¹⁴⁷

“Ó Jesus, Unigenito Filho de Deus, Rei e Imperador Universal do Mundo [...] Quando se desenganarão os homens que para Vos verem é mister que tenham o coração puro? Não ha sol mais brilhante que Vós; mas os olhos enfermos nunca poderão supportar os esplendores da vossa gloria.”¹⁴⁸

“[...] as almas mais elevadas serão as primeiras que verão a luz e sentirão a attracção do Coração de Jesus; e como os raios do sol [o Coração de Jesus] descem gradualmente do cume das montanhas até á profundeza dos valles; como os grandes planetas, girando em volta do sol, arrastam comsigo os seus satellites, tambem as multidões obedecerão ao impulso que lhes foi dado pelas almas escolhidas [...] e as ultimas classes da sociedade serão livres de seus erros quando os ponctos culminantes tiverem recebido a luz da verdade.”¹⁴⁹

Como o sol que dá vida aos seres, Cristo sustenta o mundo:

“Se do universo podesse ser removido o sol [...] o mundo cairia no cahos primitivo [...] acabaria a successão de dias e noites, bem como a das estações do anno; não viria mais a risonha primavera [...] A natureza toda, envolta em negro crepe, não offerceria senão horrores; morreriam os homens, nem haveria quem dos seculos passados se recordasse

Similhante catastrophe succederia no mundo moral, se JESUS Christo, Sol com o qual nenhum outro sol pôde ser comparado, podesse sair da sua orbita [...]”¹⁵⁰

Cristo sustenta o cosmos, e o seu coração é “o Astro benefico que vai esparzir sobre nós os beneficios sem numero que tem esparzido sobre o mundo todo.”¹⁵¹ Um mundo necessitado de redenção e de renovação — “a sociedade necessita d’uma completa renovação”¹⁵² —, pois o ataque nefasto age nela por dentro e por fora e de alto a baixo:

¹⁴⁷ *Mensagem*, 19.

¹⁴⁸ *Mensagem*, 240.

¹⁴⁹ *Mensagem*, 291.

¹⁵⁰ *Mensagem*, 42-43.

¹⁵¹ *Mensagem*, 49.

¹⁵² *Mensagem*, 323.

“Porque não é sómente em sua organização exterior que os povos christãos teem soffrido as influencias da revolução anti-christã. O mal penetrou em suas entranhas; os povos tornaram-se tam estranhos, quanto os governos, á vida de Jesus Christo.”¹⁵³

Há, por isso, que pedir ao coração de Cristo que venha vencer, “por um grande esforço de sua bondade, a rebellião dos povos christãos, que os reconcilie com a sua Igreja, e restabeleça sobre elles o reino do seu amor”¹⁵⁴, que sare as feridas deixadas pelos grandes inimigos da religião de Jesus Cristo, o egoísmo, o culto do homem e a divinização dos interesses humanos, que fomentam a imprensa irreligiosa e são o princípio e o nome do racionalismo, do pensamento livre, da revolução, do espírito moderno e do novo direito.¹⁵⁵

A única divinização que refaz e eleva o homem sem o destruir é a divinização operada pelo Verbo encarnado que, pela união dos fiéis com o seu coração, os faz participar da sua condição divina.

Por isso é que a devoção ao Sagrado Coração é o único remédio. O coração de Jesus é o “balsamo mais efficaz”¹⁵⁶, é o “lenitivo mais suavizador”¹⁵⁷, esse “Coração, que ainda distilla e goteja o Sangue Precioso dado em preço pela Paz do mundo.”¹⁵⁸

Vimos como a cristologia e eclesiologia que estruturam o pensamento teológico de Henry Ramière são chaves de leitura necessárias e ponto de partida essencial para a compreensão das razões, métodos e objectivos do Apostolado da Oração e do *Mensageiro*. Vimos, também, de que maneira isto se reflecte e apresenta no *Mensageiro* português, ao longo do primeiro volume.

A união com Cristo e a divinização do cristão, bem como a identificação da Igreja de Cristo e do reino de Deus com a Igreja Católica, marcam profundamente, como pudemos constatar, o tom e a acção do Apostolado e do seu órgão oficial. Ajudam também a explicar a linguagem: bélica e, por vezes, de sabor apocalíptico, sobretudo quando se trata da organização a adoptar e dos meios necessários; linguagem messiânica,

¹⁵³ *Mensageiro*, 323.

¹⁵⁴ *Mensageiro*, 296.

¹⁵⁵ RAMIÈRE, *L'Apostolat du Coeur*, 88-89.

¹⁵⁶ *Mensageiro*, 49.

¹⁵⁷ *Mensageiro*, 49.

¹⁵⁸ *Mensageiro*, 4

no que diz respeito aos objectivos esperados: a vinda do reino de Cristo, Rei, Sol que governa o mundo, que lhe dá vida, que o ilumina.

Colaborando com a acção divina que cumprirá, segundo a sua sabedoria e liberdade, essa vinda, é necessário que se acorde todo o homem (cristão e não-cristão), em todas as dimensões da sua vida, para a consciência da adopção filial, para um agir em conformidade com a condição de ser divinizado no Filho, dom do Pai através do Espírito. É necessário também que, assim, se despertem *verdadeiros católicos* para uma militância que manifeste e realize esta consciência na oração e no combate contra os inimigos da Igreja, inspirando e fortalecendo a união das obras católicas, e a presença cristã em meios tão decisivos como a imprensa, o ensino e o mundo operário.

A arma com que se há-de conseguir a vitória, isto é, essa vida conforme à eleição filial e a vitória sobre os poderes anti-cristãos, é a devoção ao Coração de Jesus, remédio que ao rigorismo e ao racionalismo opõe a sensibilidade e o afecto, ao hedonismo, a pureza, a coragem e a sabedoria, ao egoísmo, a entrega amorosa e total, à divinização dos interesses humanos, a docilidade e a obediência dos corações que unem suas vontades e afectos aos interesses do divino Coração.

E assim, entre a catástrofe iminente e a chegada incontornável do império de Cristo, Rei que domina pelo amor e pela misericórdia, com o Coração aberto para ser arca salvadora, asilo, conforto, remédio, bálsamo, lenitivo, porto seguro, cada cristão inaugurará em si, e ao redor de si, unido a este Rei que vem, a glória que virá depois da luta, a luz que se segue à agonia e à Paixão que a Igreja então atravessa, a luz da manhã pascal, onde o Ressuscitado irrompe resplandecente e diz: "A Paz esteja convosco!"